



FOTOS: EDUARDO MARTINS

Moradores da Rua Direta da Palestina tiveram dia movimentado com o despejo e a demolição frustrada de duas casas. O tratorista Hamilton dos Santos não fez o trabalho

CHORO, DESMAIO E DRAMA NA PALESTINA

Tratorista se emociona e não derruba casas

Um dia de muita emoção e revolta na localidade de Palestina, onde um humilde tratorista desobedeceu à Justiça e se recusou a derrubar casas que estão em litígio judicial, numa atitude que emocionou o Brasil

NAIRA SODRÉ

Moradores da Palestina, bairro da periferia da cidade com acesso pela BR-324, viveram ontem 12 horas de tensão, medo e desespero. De um lado os oficiais de Justiça Carlos Cerqueira e Marcos Seixas, tentando cumprir a ordem judicial de demolição de duas casas e reintegração de posse do terreno, impetrado pelo empresário Adolpho Stelmach, e do outro, duas famílias desesperadas, a de Telma Sueli dos Santos Sena e Dilson Leandro dos Santos, que tentavam, de todas as maneiras, manter o único bem que

possuem: a casa onde abrigam os filhos e netos. "É uma questão de humanidade", diziam os vizinhos, que movidos pela solidariedade, chegavam ao local e movimentavam a Rua Direta da Palestina. Adultos e crianças se desesperavam a cada voz que o trator era acionado. Gritos e lamentos deixavam todos comovidos. Choros abafados de homens e mulheres que diziam orações em vozes entrecortadas comoveu a todos.

Até o tratorista Hamilton dos Santos, da JLD Transportes e Terraplanagens, um se-

nhor de 53 anos, se emocionou e não conseguiu movimentar o trator. Aos prantos, afirmou: "Não estou aguentando. Não consigo executar o trabalho". E se recusou a demolir as casas. Hamilton, que sofre de pressão alta, passou mal, e mesmo assim, o oficial de Justiça, Carlos Cerqueira, deu ordem de prisão "por obstrução da Justiça". Baixinho, o tratorista, enquanto enxugava os olhos, na goia da camisa, respondeu: "Eu cumprio a lei! Mas não consigo fazer esse trabalho. Isto está além das minhas possibilidades. Não posso derrubar a casa de um pai de família"

so derrubar a casa de um pai de família, trabalhador, não foi conduzido pela polícia ao Posto Médico de Valéria, para ser medicado. Sua prisão só foi revogada no final da ação. Enquanto isso, o advogado das famílias, Antonio Renato de Mendonça, tentava barrar a demolição. Com o celular na mão, ligava para o dono do terreno a toda hora. Insistia para que o empresário Stelmach, desistisse da ação de demolição e reintegração de posse e optasse por uma negociação. Toda a ação foi acompanhada de perto por policiais da 31ª Companhia, comandados pelo major PM Castro.



Policiais guardavam os imóveis que seriam demolidos, observados pelos moradores, revoltados, mas calmos

Muitos se sentiram mal e foram para o médico

Vizinhos, parentes e amigos solidários com o drama, choravam e protestavam. Muitas pessoas passaram mal e tiveram que ser socorridas. A toda hora, carros da PM levavam pessoas passando mal para o Posto de Saúde de Valéria. Desesperado, Dilson Leandro dos Santos dizia para a casa com tristeza. "Levei seis anos para construí-la. Já está toda a economia que consegui fazer! Meu Deus! Não posso perder minha casa!"

Ele pedia ajuda a todos, até ao major Castro, que várias vezes, pacientemente, explicou que estava cumprindo ordens. Telma Sueli, que há um mês deu à luz ao seu 13º filho, em desespero, gritava e pedia para que a casa não fosse demolida.

A Rua Direta da Palestina ficou cheia de gente. O drama das duas famílias começou às 6h da manhã e só terminou às 18 horas, quando, finalmente, o trator foi recolhido. Foi uma suspensão momentânea da ação, afirmava o oficial de Justiça Carlos Cerqueira. "As casas ainda podem ser demolidas. Vou relatar tudo o que aconteceu para o juiz", comentou.

Ele explicou ainda que o processo de reintegração de posse corre na Justiça há 10 anos e em 1993 a sentença transitou em julgado. Os donos da casa entraram com liminar e perderam. "Estou aqui para cumprir ordem judicial. Infelizmente, sou refém da minha função".

Segundo o advogado das famílias, Antonio Renato de Mendonça, a situação é complicada, já que o empresário Stelmach comprou o terreno na mão do engenheiro civil e

industrial químico, José Góes de Araújo, que por sua vez, tinha, há 28 anos, doado a posse para a mãe de Sueli, Maria Aniceta Silva.

"É um absurdo, afirmava o pedreiro Antonio Evaristo. Todos nós conhecemos o empresário Stelmach. Ele inclusive era amigo da mãe de

Sueli, dona Aniceta. E desumano querer agora destruir o único bem que eles possuem. Ele não precisa desse terreno", afirmou.

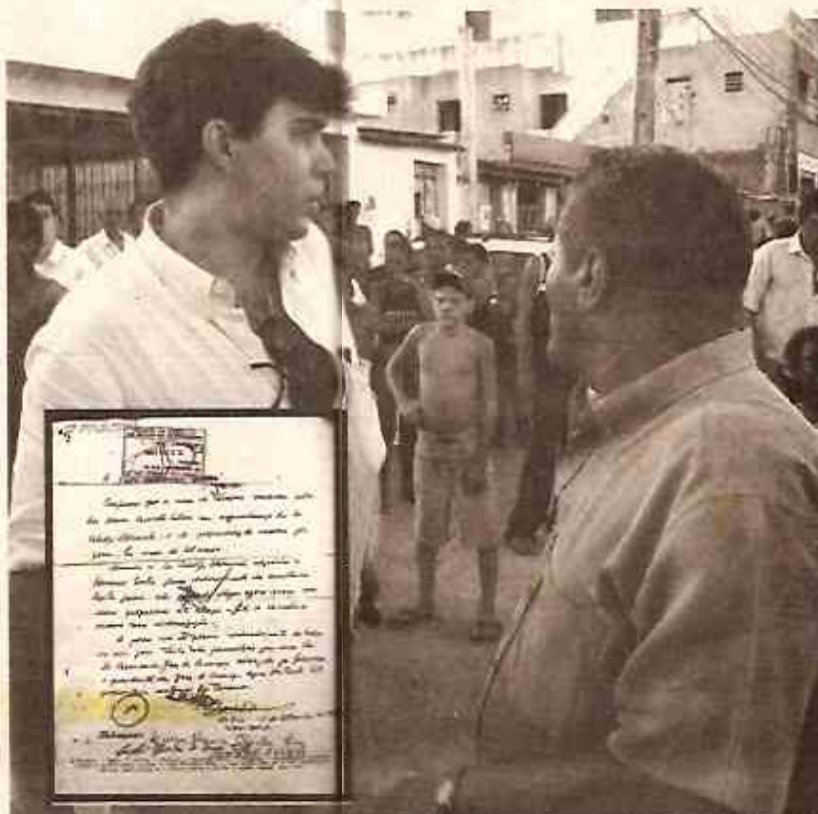
As duas casas só não foram demolidas porque o proprietário da firma JLD Transportes e Terraplanagens, quando soube que o trator ti-

nha sido alugado pelo empresário Stelmach para demolir as casas, desfez o contrato e mandou recolher o trator.

O advogado Antonio Renato Mendonça, disse que vai tentar formalizar um acordo com o empresário, proprietário do terreno e, desta maneira, tentar reverter o quadro.



Pessoas passaram mal e foram para o posto de saúde



Advogado e oficial de Justiça discutem os termos frios da lei, onde não existe emoção